



## Um desafio à edilidade e aos munícipes sadinos: Colocar Setúbal na rota do turismo cultural e candidatar a cidade a Capital Portuguesa da Cultura

José Poças, Médico e Escritor

2 Setembro 2025, Terça-feira



As eleições autárquicas são sempre um momento importante para as populações e para a vida cívica das sociedades democráticas. Para além das habituais promessas conducentes à resolução dos problemas mais candentes que afligem os munícipes, que embora nem sempre cumpridas,

submergem quase completamente, de seguida, a capacidade de conseguir concretizar o seu programa de intenções, em grande parte pela premência de lhes acorrer num dia-a-dia pleno de assuntos “urgentes”. Realidade que quase impede por completo uma gestão operativa mais ambiciosa e aberta a outras temáticas. Neste quadro, é necessário, contudo, nunca desistir de dar estímulo a outro tipo de preocupações que possibilitem romper com esse ciclo vicioso, permitindo a concretização, num prazo definido, de outro tipo de projetos que também contribuam para o bem-estar de quem vive, trabalha ou visita a cidade, no sentido de projetar a sua imagem e de fazer os munícipes sentirem que valeu a pena acreditar que afinal era possível.

Refiro-me a iniciativas de âmbito cultural e da possibilidade de, por via disso, possibilitar o acesso a financiamentos que permitam ajudar a reabilitar o espaço público. O exemplo da Expo98, é por todos reconhecido como algo que representou um verdadeiro volte face numa zona extremamente degradada da cidade capital de Portugal. O investimento financeiro, que foi muito vultuoso, justificou largamente os benefícios a diversos níveis que se vieram a colher a prazo, não só para os residentes e para os visitantes, mas também para a economia local e nacional.

O denominado turismo cultural, não massificado, tem a enorme vantagem de respeitar por inerência as tradições das urbes, das suas gentes e do património natural envolvente, sendo muito mais interessante em termos económicos para as suas populações do que aquele que traz pessoas que apenas fazem uma curta incursão pela rama, sem se preocuparem muito com o que diferencia um local do outro, o que só será possível através da valorização das particularidades que caracterizam a sua tipicidade, o que inclui a gastronomia, o artesanato, as paisagens naturais, os seus museus e monumentos, ou seja, de uma forma abrangente e mais lata, da vida cultural que define a sua própria identidade.

Setúbal tem já um conjunto diversificado de atrativos e de eventos, mas há que reconhecer que poucos a procuram por ser uma cidade que considerem valer a pena pela sua vida cultural, não obstante decorrerem algumas iniciativas interessantes e ter certos polos de indiscutível valor, de que a recente reabilitação do Convento de Jesus é um notável exemplo.

No entanto, por ser um centro urbano de média dimensão à escala do nosso país e de ficar rodeado por verdadeiros monumentos naturais de rara beleza que se impõe saber preservar, não deve enveredar pela política de grandes investimentos que impliquem a construção de empreendimentos de grande volumetria, pelo perigo de virem a descaracterizar o que a cidade e a região têm de melhor. Ao invés, deve promover a reabilitação dos espaços urbanos, criando mais zonas verdes e estimulando o aparecimento de investimentos de média dimensão no turismo de qualidade, de uma forma proporcional à sua intrínseca realidade, sendo de inteira justiça reconhecer que várias iniciativas desse género têm vindo a ser concretizadas nos últimos anos, percurso que, no entanto, carece de ser aprofundado.

Há que, por consequência, criar mais polos diferenciadores que procurem ir de encontro à sua história e à sua identidade. Neste sentido, por exemplo, urge terminar as obras da Casa-Museu Luisa Todi, tal como a reabilitação da zona ribeirinha e criar ainda condições logísticas para a realização de congressos, que façam com que os visitantes não sejam apenas (ou sobretudo), de carácter sazonal na época estival, mas que queiram antes procurar a cidade e a região todo o ano.

Neste sentido e não desconsiderando outras iniciativas de mais munícipes ou associações locais que se possam vir a desencadear, sou da opinião que o próximo governo da cidade deve constituir um gabinete de peritos que, apoiados por um secretariado competente e dedicado, escudado naturalmente, do ponto de vista político, por quem vier a vencer as próximas eleições, tenha por missão estudar propostas para implementar um plano de realizações que dê corpo, de forma consequente, à candidatura de Setúbal a Cidade Capital da Cultura do nosso país num prazo que seja considerado adequado à concretização das referidas iniciativas que a suportem.

Assim, no sentido de não me ficar apenas por ideias genéricas, citaria quatro exemplos de Espaços Museológicos que poderiam dar um contributo importante, quiçá decisivo, para este propósito, tendo os três primeiros em comum o facto de abordarem temáticas do passado e do presente, que tudo indica, contudo, que se possam estender por muito tempo ainda.

- O primeiro, subordinado ao tema de “As Pestes e a Intolerância Religiosa”, suportado no facto de aqui existir um Monumento Nacional em acentuado estado de degradação (o Portal da Gafaria do sec. XV) e a temática da intolerância religiosa ter afetado, na idade média, tanto leprosos como judeus e, mesmo, muçulmanos, algo que continuamos a assistir diariamente por esse mundo fora;

- O segundo, dedicado aos “Tratados Ibéricos”, tendo em consideração que o de Tordesilhas foi ratificado por D. João II e pelos Reis Católicos de Espanha em Setúbal, possivelmente no local onde se veio a erigir o Convento de Jesus e a temática geopolítica da divisão do mundo ser hoje tão importante como o foi antes na era dos descobrimentos das nações ibéricas;

- O terceiro, intitulado “A pintura naturalista e as questões ambientais”, como mote de fazer uma justa homenagem que é inteiramente devida ao grande pintor setubalense João Vaz, companheiro dos irmãos Bordalo Pinheiro, de José Malhoa e de Silva Porto no denominado “Grupo do Leão”, que tiveram grande importância na viragem do sec. XIX para o sec. XX, sendo certo que, se já existe um dedicado a Bordalo Pinheiro, em Lisboa e outro a José Malhoa, nas Caldas da Rainha, que bem merecem uma visita, importará perguntar, porque não também em Setúbal? É que a temática principal daquele génio da pintura sadina foi a dos areais das praias e dos rios de Portugal, bem como naturalmente de tudo o que os rodeia, algo que as alterações climáticas que ocorrem cada vez com maior frequência e intensidade, acarretam várias

consequências nefastas, das quais se destacam a elevação do nível médio das águas, com o inerente desassoreamento das orlas marítimas e fluviais, tal como a emergência de novas doenças e a reemergência de outras já extintas, sobretudo as que são veiculadas por vetores, assuntos que são cientificamente estudados em profundidade no CEVDI do INSA em Águas de Moura;

- Finalmente, uma Casa-Museu Lima de Freitas, um dos expoentes máximos da pintura portuguesa na segunda metade do sec. XX e que tão bem abordou a temática da identidade nacional. Em relação a esta proposta de iniciativa, será então oportuno perguntar porque é que se existe uma em memória de Bocage e uma em honra de Luisa Todi que está projetada há muito e que importaria concluir, porque não então também esta, que seria como que uma sequência lógica de se ter já tido a iniciativa de dar o seu nome a uma escola secundária da cidade, tal como já se tinha feito o mesmo ao Cineteatro da cidade, ao dar-lhe o nome da grande cantora lírica.

Se Loulé fez a reabilitação dos banhos árabes e os transformou num excelente museu. Se Elvas descobriu que o antigo matadouro municipal era afinal, tão só, a maior sinagoga da Península Ibérica, pelo que o musealizou de pronto, porque será que Setúbal é menos capaz de o fazer também? Com estes (e eventualmente outros equipamentos), que teria Setúbal a menos do que Aveiro, que foi a última capital portuguesa da cultura, Braga que o é no corrente ano de 2025, ou cidade que vier a ser designada para o próximo ano?

Estas questões devem ser respondidas pelas diversas forças políticas que se apresentam aos eleitores na pugna eleitoral do próximo mês de outubro e quem vier a ser o seu vencedor deve fazer destas iniciativas um verdadeiro desígnio. É que eu e mais um conjunto de interessados amigos (António Trábulo, Cândido Teixeira, Rogério Palma Rodrigues e Rui Monteiro) temos estado a tentar sensibilizar os atuais responsáveis da CMS, tendo-se já avançado um pouco no cimentar deste projeto, mas urge concretiza-lo. Aqui fica, pois, o repto.

Podem contar com a minha disponibilidade e colaboração, tendo sido por isso que aceitei apresentar estas ideias publicamente num debate promovido em julho por uma das candidaturas (a da ex-Presidente da CMS, Maria das Dores Meira), tal como o teria feito com outras, assim como também aceitei fazer uma Conferência alusiva a esta temática numa iniciativa do Rotary, a que os Lions de Setúbal se associaram, para que fui convidado, e, no mesmo intuito, decidi publicar ainda este artigo de opinião.

Terminaria enfatizando o que se deve sempre afirmar nestas circunstâncias: “Só quando o Homem sonha é que as obras podem surgir”. E eu reconheço que sou assumidamente um inveterado sonhador, na senda do que deixou dito o embaixador português no Japão, Armando Martins Janeira, também escritor, que na introdução do seu livro publicado em 1981, intitulado “Figuras de Silêncio”, escreveu “... o significado da vida e da felicidade- todos os sábios do Oriente e do Ocidente o ensinam, só se encontram quando o Homem se dedica a uma grande tarefa, se

entrega inteiramente a uma missão e se dissolve no poder imenso que o transporta para além da existência individual...”. Para mim, isto é o que tenho feito até ao presente na Medicina. Mas também o que pretendo passar a fazer com a cultura, esperando que não aconteça desta vez o que se passou no ano 2000, quando a ideia de construir em Águas de Moura o Museu Nacional da Malária, que idealizei em conjunto com os malogrados Prof. Armindo Filipe e o meu colega e amigo Irineu Cruz, depois de concretizada uma exposição itinerante, de realizado um Simpósio Internacional e de publicado um livro, se gorou, estando grande parte do seu notável acervo encaixotado.

José Poças (Médico e Escritor), Setúbal

**In Jornal “O Setubalense”, 2025/09/02**